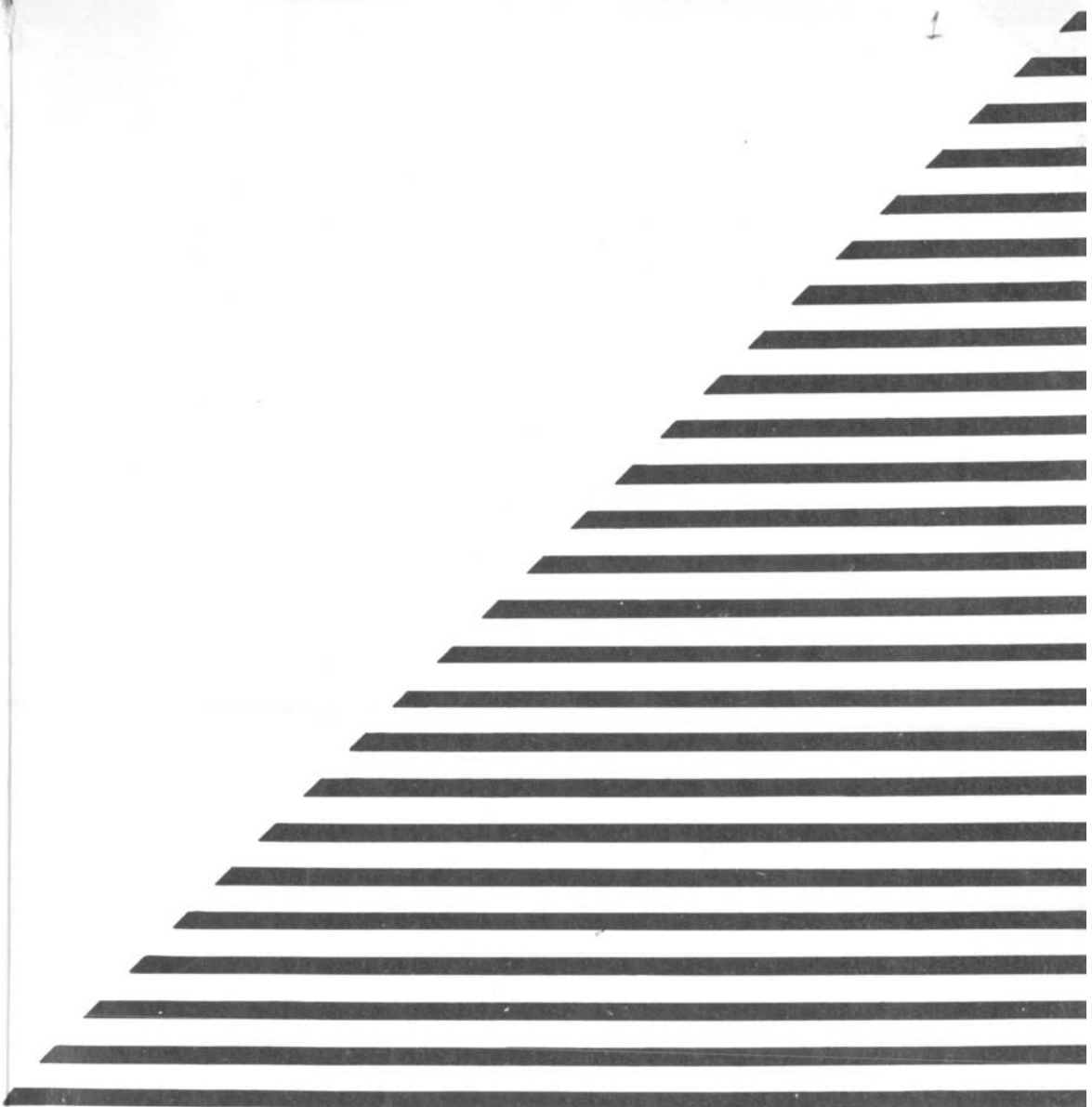


ANAIIS DO I CONGRESSO  
BRASILEIRO DE ARQUIVOLOGIA  
01



ASSOCIAÇÃO DOS ARQUIVISTAS BRASILEIROS

**ANAIIS DO I CONGRESSO  
BRASILEIRO DE ARQUIVOLOGIA**

Rio de Janeiro, de 15 a 20 de outubro de 1972

## OS ARQUIVOS NA RECRIAÇÃO DA HISTÓRIA

*Francisco Riopardense de Macedo*

Aborda o problema da pesquisa pelos historiadores frente à ausência de arquivos organizados que lhes possam oferecer documentação classificada. Menciona a gravura, a iconografia e o livro como fatores que registram os fatos históricos, bem como o periódico como fonte mais fidedigna destes fatos. Registra a existência do Cadastro de Periódicos do Rio Grande do Sul, elaborado há quinze anos por um professor da Universidade do Rio Grande do Sul, cuja qualidade estimulou a confecção de um catálogo de Cartografia e Iconografia. Cita a Numismática e a Filatelia como elementos auxiliares da História. Conclui, asseverando que o arquivo é a casa da cultura onde o historiador vai buscar a informação original.

## THE IMPORTANCE OF THE ARCHIVE FOR HISTORICAL RESEARCH

The author comments on the research problems that the historian faces in the absence of organized archives, and recalls the proposal made during the period of Brazilian independence to create an Historical and Geographical Institute to serve as central depository for official documents. He discusses various types of sources of historical information, such as engravings, books and newspapers. He reports that fifteen years ago a professor from the Federal University of Rio Grande do Sul made a register of state newspapers which later served as a model for the elaboration of a catalogue of Cartography and Iconography.

## L'IMPORTANCE DE L'ARCHIVE POUR LA RECHERCHE HISTORIQUE

Les historiens abordent le problème de recherche en face de la faute d'archives organisés qui puissent leur offrir une documentation classifiée. Il mentionne la gravure, l'iconographie et le livre comme facteurs qui régistrent les faits historiques, comme le journal, source plus véridique de ces faits. Il régistre l'existence du cadastre de journaux de Rio Grande do Sul, préparé il y a 15 années par un professeur de l'Université de Rio

Grande do Sul, dont la qualité encouragea la confection d'un catalogue de cartographie et d'iconographie. Il cite la numismatique et la philatélie comme éléments auxiliaires de l'histoire.

Il termine en affirmant que l'archive est la maison de culture au l'historien va chercher le renseignement original.

### 1 — *O Historiador e o arquivólogo*

A colocação de "A Importância dos Arquivos para a pesquisa histórica" como tema do 1º Congresso Brasileiro de Arquivologia tem, para o historiador, uma significação especial nas suas atividades como humanista numa ciência que frequentemente vem sendo confundida com novela de costumes ou cronologia política. Memorialista uns e cultores de um civismo heróico outros, vêm fazendo da história um amontoado de eventos sentimentais ou aventureiros, que reduzem a ciência histórica em novelas mais ou menos grandiosas ou "tiradas" de capa e espada à moda de uma cavalaria andante desaparecida bem antes do Brasil entrar no cenário do mundo.

Os historiadores, conscientes pesquisadores dos arquivos, aqueles que só vêem no documento original fonte válida para intuir juízos, lutam quase sempre com a falta de arquivos organizados que lhes ofereça, classificada, a documentação necessária para que a história se imponha com toda sua objetividade.

Talvez isso ocorra precisamente porque para as necessidades decorrentes daquele civismo ou daquela novelística para exploração cinematográfica bastem as cópias, as compilações de livros já escritos, repetindo interpretações superadas de fatos pouco entendidos...

E ficam, então, os pesquisadores brasileiros lutando para oferecer estudos sérios dos mais importantes aspectos da nossa história, sem o recurso dos arquivos nacionais quase sempre carentes de recursos dos que neles trabalham e o desvelo realmente fraternal com que atendem o estudioso que deles necessita.

Mas não desesperemos.

A simples inclusão do título referido no temário geral do Congresso de Arquivologia é uma esperança que anima e uma proposição que nos une. Historiadores e arquivólogos, daqui em diante, mercê dos trabalhos neste conclave apresentados deverão ser, para a História do Brasil, uma só pessoa na luta por melhores condições de estudo e trabalho. A História no seu sentido objetivo — conhecimento histórico — é sujeita à evolução pela ampliação crescente dos métodos de pesquisa e pela multiplicação das especialidades que passam a contribuir àquele conhecimento.

Mas para que aquele conhecimento seja evolutivo, preocupação de cada geração no desejo de conhecer a si mesma e se situar no complexo humano, é preciso que sejam conservados os documentos originais, sem qualquer modificação ou interpretação, tal como registraram o fato no dia em que este aconteceu.

## 2 – *A visão da história*

Nos primeiros dias do processo da Independência do Brasil quando D. Pedro não havia, ainda, adquirido a consciência de brasilidade e titubeava entre pressões diversas, o Cônego Januário da Cunha Barbosa, valente defensor da formação do Império do Brasil, ao propor a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, diz que “falta um Instituto que principalmente se ocupe em centralizar imensos documentos preciosos, ora espalhados... de que se possam aproveitar os nossos escritores.”

José Honório Rodrigues é mais explícito: “... o método histórico baseia-se essencialmente na consulta às fontes originais”, e citando Capistrano de Abreu em carta de 17 de maio de 1920, diz: “No Brasil não precisamos de história, precisamos de documento!” (1).

Afirmção esta, por certo, desalentadora aos historiadores mas fecunda para a História. Sem documento não há História. Pensar em História sem documentos, uma história feita ao gosto cívico-moral dos contemporâneos, é retroagir 2700 anos e voltar à prática das crônicas mais ou menos heroificantes de Heródoto, Tucídides, Tácito e Xenofonte, quando a finalidade era antes despertar brios nacionalistas que revelar a história do homem e das suas circunstâncias, do seu trabalho, da sua expressão, do seu processo civilizatório, enfim. Grécia e Roma antigas foram contadas daquela forma e só daquela poderiam ser e resultar como resultaram: magníficas narrativas literárias onde se vislumbram o pensamento e a moral da época, os personagens em ação e o cenário geográfico. Mas os fatos foram vistos de um só lado, sem a perspectiva estereoscópica, como visão caolha, onde o que lhes parecia importante era, apenas, o que servisse de estímulo aos brios nacionais dos seus povos.

Não negamos a importância de tais estímulos, apenas o que não se admite é fazê-lo à custa de arranhões na verdade histórica, como também não se os aconselharia à custa da negação de uma lei da física...

## 3 – *Pluralidade da História*

O grande problema, diriam, é que a história política envolve regimes que em suas épocas se consideram “salvadores” e não podem, por isso, permitir outra história que não seja a “sua” e nisto está — continuam dizendo — a segurança e a garantia do desenvolvimento de uma etapa do processo civilizatório... Admitimos para argumentar. Mas a história da

técnica, especialmente a da ciência, está, também, sujeita a distorções que interessam apenas a determinados grupos em detrimento da sociedade inteira. Enquanto as reservas naturais correspondentes a determinada forma de energia não se esgotam, os avanços da ciência e da técnica em busca de novas formas não merecem grande atenção. E isto atrasa o processo... Não pode, pois, haver para o historiador contemporâneo diferença entre história política, da técnica, da economia, da ciência e de qualquer outra, pois, a evolução da humanidade não depende dos eventos militares, dos heróis de frente de batalha. Pelo contrário, tais eventos dependem, essencialmente, das relações entre os homens, que se fazem através da expressão e da ciência, das artes e das técnicas para o avanço da civilização. Se até agora isto não prevaleceu se deve, apenas, ao problema seriíssimo da relação entre produção e distribuição ou entre o Produto Interno Bruto e o poder aquisitivo, para usar expressões comuns da imprensa atual, isto é, à falta de *participação* da classe menos favorecida no produto do seu próprio trabalho.

Talvez o que aqui foi dito seja síntese exagerada para a colocação de um problema que todos pensam seja apenas político, que a ação dependa dos homens no poder ou dos que estão fora dele e o desejam. Em verdade não há problema isolado; se a ação depende da vontade, a vontade não se aventura sem condições geográficas, e o aproveitamento destas está subordinado às condições econômicas: estas, por sua vez dependem do estágio cultural e assim por diante. No fim, fechado um ciclo de milhões de anos, a história do homem está ligada à história da Terra, do Clima, da Antropologia, etc.

Um universo de especialistas de olhos arregalados para a história! Heródoto, para eles, é apenas um escritor que escreveu bem mas disse pouco. Este é, sem dúvida, o juízo de qualquer estudioso que precisa da história para entender o processo da sua ciência e da sua arte, que precisa entender a si mesmo pelos que o precederam... É que o estudo de um aspecto da história diz muito pouco da realidade em curso. Não se imaginaria uma história da técnica, por exemplo, apenas como sucessão de processos ou de formas de energia. Forçosamente a elas estariam ligados os recursos naturais e, portanto, a geografia; aos recursos naturais estaria ligada a economia e a esta o tipo de relações entre os homens ou a forma de produção. A tudo isto, e durante todo o tempo, a luta de vontade, a política adiantando ou atrasando o processo...

#### 4 — *Do Manuscrito à Imprensa*

Na história antiga os grandes processos eram escritos para exaltar os feitos guerreiros dos filhos da terra, excluía os de outras áreas por maiores que fossem seus méritos. É Ancillon Tableau quem diz "Cartago... far-nos-ia abominar os salteadores disciplinados que a destruíram se o quadro das Guerras Púnicas fora traçado pela pena de um Tito Lívio, cartaginês". (2)

Quando a história foi escrita na pedra abriram-se maiores possibilidades para detalhes especiais da vida do homem comum em tempo de paz. Enriquecimento para o historiador, maior ângulo para entendimento da vida de relação, dos industriais feitos e do sentir específico de cada época. O túmulo e o templo egípcio eram, em suas colunas, seus painéis, seus frontões e tímpanos, tesouros de inscrições onde tudo se lia e se entendia bem o que sentiram, pensaram e quiseram. Serviram e servem, até hoje, aos historiadores que secundam os arqueólogos na descoberta de uma vida antiga, atada à nossa através dos hicsos e dos gregos. Mas muito se perdeu pela prática de alguns faraós que mandavam apagar inscrições anteriores para gravarem as suas ...

A gravura, a iconografia e o livro deram um passo adiante. Favoreceram a reprodução do que se pensou e criou em peças de fácil mobilidade, desde a China antiga até a civilização ocidental. Ciências, artes, letras e técnicas há mais de seis séculos dispõem destes meios de multiplicação do produto do pensamento para levar os homens à ação. Multiplica-se com eles a facilidade de popularizar conhecimentos, da leitura chegar aos hábitos do povo e, pela primeira vez, os meios de comunicação apresentaram pensamentos discordantes, vontades e conflitos. A História passou, então, a registrar periodicamente a queima de milhares de livros cujo conteúdo não interessava à classe que estava no poder: Savonarola (1452-1498), Hitler (1889-1945). No Brasil talvez o fato mais recente de natureza similar sejam os registrados na Universidade do Paraná, onde o Professor Homero Barros cortou das obras completas de Perez Galdós cerca de 800 páginas, por julgar que os estudantes não deveriam tomar conhecimento delas. Além disto, e pela mesma razão, retirou das prateleiras da Biblioteca da Faculdade de Filosofia as obras de Zolá, Eça de Queiroz, Camilo Castelo Branco, Guerra Junqueira, Jean Paul Sartre, Jorge Amado, Marx Voltaire e várias revistas, entre estas a Anhembi, de São Paulo (3). O então reitor daquela Universidade, senhor Flávio Sulpicy de Lacerda, que o apoiou, chegou a Ministro da Educação. As obras foram recolocadas no lugar, mas não mais encontradas as 800 páginas da raríssima obra de Perez Galdós.

## 5 — O Periódico

Talvez o jornal seja para o historiador documento mais precioso que o livro. O arquivamento deles e sua significação para o pesquisador não têm sido bem entendidos em grande número de bibliotecas. Como veículo de informação o seu aparecimento foi uma revolução. Supera o livro, em primeiro lugar, por oferecer a notícia no dia da ocorrência ou muito próximo dela. Depois, por colecionar periodicamente informações sobre todos os tipos de ocorrências. Dois aspectos de especial importância para o historiador: o fato estudado como foi visto no dia que ocorreu e a constelação de fatos coetâneos ao aspecto estudado.

A terceira inovação que o jornal apresentou como documento foi citada com especial felicidade por Frederic Ancillon Tableau, no começo do século passado (4). Diz ele: Em verdade a imprensa é também o veículo dos embustes, das fábulas, dos enganos e das calúnias; mas ela *faz circular o antídoto com o veneno*; estabelece para os fatos históricos uma sorte de concorrência de testemunhas e juízos; ora, em todos os gêneros é a concorrência que traz a perfeição do trabalho". (5) Quer dizer: o jornal tem, como documento, a especial qualidade de apresentar o evento visto por mais de uma pessoa, o fato olhado em perspectivas diferentes. Podemos ver nele a luta de vontade adiantando ou atrasando o processo... "É tarefa do cientista separar o falso do verdadeiro e dentro da verdade e falsidade descobrir o sentido de ambas". (6) Quando as duas são apresentadas lado a lado, mesmo a falsidade é fonte de conhecimentos na mão do historiador.

Resumindo, destacamos no jornal, como documento, três peculiaridades da mais alta importância para o historiador:

1. apresenta o evento com o sentido que teve no dia;
2. cerca-o de outros que contribuem para a sua compreensão ou sua visão circunstanciada; e,
3. dá ao evento estudado mais de uma interpretação coetânea.

Em verdade esta última peculiaridade nem sempre caracteriza todos os jornais em todas as épocas. Além da orientação de seus proprietários, a conveniência especial do grupo que governa, da moral vigente, tem tirado ao historiador a oportunidade de ver, principalmente nos grandes jornais, todas as interpretações coetâneas de um mesmo evento. Pela impraticabilidade e/ou inconveniência econômica de queimar edições inteiras, à moda de Savonarola e Hitler, a prática tem sido a censura ou a apreensão da edição. Censura direta ou indireta, ambas tirando dos estudos informações preciosas para entender o evento de todos os lados; num caso pela intervenção direta no periódico, no outro sujeitando o jornalismo a uma autoflagelação degradante. Daí a importância dos arquivos colecionarem, também, os pequenos jornais, quase boletins, de associações religiosas, recreativas, profissionais e estudantis, que escapam, algumas vezes, ao canal da censura.

Exemplo disto vamos encontrar na Biblioteca Nacional examinando o pequeno periódico "A Matraca dos Farroupilhas", folheto de apenas 15 por 18 centímetros e que coloca da maneira mais franca, talvez até brutal, o sentimento do carioca contra D. Pedro I após sua abdicação. (7)

#### 5.1 — Cadastro de Periódicos no Rio Grande do Sul

Há quinze anos o professor Gabriel Borges Fortes, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande

do Sul vem cadastrando os jornais que existiram na região e conta já em seu arquivo particular com cerca de 3.000 fichas. Neste meio tempo recebeu auxílio de mais dois estudiosos: Lothar F. Hessel e Ari Martins (falecido). Também Sergio da Costa Franco e Pedro Leite Villas Boas recolheram boa quantidade de dados sobre a imprensa do Rio Grande do Sul. Há dois anos o Círculo de Pesquisas Literárias (CIPEL), que reúne bibliófilos, escritores, poetas, genealogistas, historiadores, etc., continua fazendo o cadastro dos jornais publicados naquela área, desde o primeiro (1827) até os mais recentes. Já conta com mais de 5.000 fichas que registram, entre outros dados, títulos, localidade, fundador, redator, orientação, periodicidade, formato, fundação, data do último exemplar e interrupções. O trabalho cobre as coleções de bibliotecas e arquivos públicos e particulares, devendo resultar na publicação de um catálogo.

## 6 – CARTOGRAFIA E ICONOGRAFIA

Desde que não se admite atualmente a limitação da história à sucessão de fatos políticos ou guerreiros, o documento não escrito, a Carta, o Mapa, o desenho e a fotografia, assumem importância igual ao documento paleográfico, ao livro e ao jornal.

### 6.1 – A Cartografia

No sentido de lembrar a importância para o historiador de tais documentos registramos, aqui, a recente descoberta do historiador gaúcho, Dr. Paulo Xavier que, graças a um mapa de Diogo Funck, concluiu que a indústria do charque é anterior à chegada do cearense José Pinto Martins naquela região, pondo por terra tudo quanto até agora fora dito quantos escreveram a respeito e devolvendo aos paulistas e açorianos aquele pioneirismo<sup>(8)</sup>. Foi ainda a cartografia na Sociedade de Geografia de Lisboa que nos permitiu saber da existência de moinhos de vento na cidade do Rio Grande – RS<sup>(9)</sup> e através do Vice-rei Marquês do Lavradio<sup>(10)</sup> para informar a Associação Internacional de Molinologia no próximo Simposium (Holanda, maio 1973).

### 6.2 – A iconografia

Quanto à iconografia lembramos aqui a magnífica obra de Jean Baptiste Debret (1768-1848), sua preciosa coleção de aquarelas que revelam detalhes da arquitetura, dos costumes e até da economia das regiões brasileiras que visitou, como é o caso da cena rio-grandense de desgarrroteamento do gado, fim do século XVIII e começo do XIX, comum nas grandes charqueadas como processo para dominá-lo rapidamente fazendo avançar o processo industrial de então.

A iconografia, pois, tanto quanto a cartografia é de grande importância para o historiador e pela dificuldade que temos notado das bibliotecas cuidarem razoavelmente de tais documentos julgamos oportuno que

os arquivos cuidem, mesmo porque ambos tratam de um fato ou de um momento da vida e não de um assunto isolado.

### 6.5 – Outra documentação

A documentação auxiliar da história como a numismática e a filatelia são algumas vezes conservadas nos arquivos. Pelo seu caráter de objeto, diferente do papel escrito ou impresso, talvez caibam melhor nos museus especializados. Também a arquitetura e os monumentos construídos em espaço aberto, praças cívicas, arcos comemorativos e outras peças similares, embora do interesse do historiador são normalmente tratadas por serviços especiais ou Institutos que cuidam do patrimônio cultural da região. No entanto, sempre que os arquivos possam deles ter reprodução em diferentes etapas de desenvolvimento, reformas, alterações e substituições, estas reproduções podem, muitas vezes, ter tanta importância para o historiador como o próprio monumento. As sucessivas fases da construção de uma cidade, de um bairro ou de uma rua fornecem rapidamente a visão de processos e estágios culturais de uma comunidade que nenhum outro documento, senão o iconográfico, pode oferecer.

## 7 – Conclusões

Sendo o arquivo a casa de cultura onde o historiador vai buscar a informação original, o arquivólogo torna-se, em verdade, um sócio na sua produção intelectual. Da meticulosidade da honestidade de arquivólogo depende em grande parte a pronta descoberta da peça, a inter-relação (cruzamento) de documentos e, finalmente, a recriação da verdade na base de nova interpretação do evento com os conhecimentos contemporâneos das ciências afins. Por isso o historiador espera do arquivólogo:

7.1 – O melhor tratamento dos manuscritos, impressos, periódicos e iconografia, visto que a perda de um deles pode romper a estrutura dos episódios que compõem um evento.

7.2 – Aliança com o restaurador e valorização das duas profissões através de um código de ética voltado à justa remuneração e ao respeito ao documento.

7.3 – Absoluta independência ideológica, eis que a História, como Ciência, precisa de todos os documentos para descobrir a verdade do processo civilizatório, independentemente de qualquer credo ou preconceito político ou religioso.

Mas é sabido que o arquivólogo isolado, no seu trabalho rotineiro pouco mais pode fazer que situar-se individualmente dentro de uma posição que o valorize como profissional consciente. Daí a Associação dos Arquivistas Brasileiros da qual os historiadores devem esperar, além dos objetivos previstos em artigo 2.º dos seus estatutos, mais os seguintes:

#### 7.4 – Relacionamento com os Cursos de História, no sentido de:

7.4.1 – Estimular os jovens estudantes ao contato com o documento desde os seus primeiros trabalhos, ao invés da compilação de livros cujos autores já os interpretaram em outro tipo de vivência social.

7.4.2 – Favorecer o professor no encaminhamento e montagem de pesquisas, fornecendo-lhes o mínimo indispensável de conhecimentos de arquivologia.

7.5 – Relacionamento com os Institutos Históricos e Geográficos, existentes em várias unidades da Federação, com o propósito de:

7.5.1 – Alerta sobre as novas técnicas de conservação, restauração e classificação.

7.5.2 – Registro dos trabalhos que tenham sido feitos à base de documentação original e catalogação da origem, tipo e classe de documento utilizado, no sentido de medir a funcionalidade dos arquivos públicos e particulares de cada região.

7.6 – Publicação de um *Boletim Informativo* que tenha por finalidade:

7.6.1 – Valorização das profissões do arquivólogo, do restaurador e do historiador.

7.6.2 – Favorecer os relacionamentos previstos em 7-4 e 7-5.

7.6.3 – Conquista de melhores condições de trabalho.

7.6.4 – Ampliar a área dos interessados em arquivologia.

7.6.5 – Permuta com publicações que interessam à AAB.

Não é por acaso que sugerimos essas atividades para a AAB. A união de forças de profissões afins, principalmente a do professor de história e do historiador tornarão possível a conquista de outros objetivos da própria Associação combinados com aspirações e necessidades do mundo culto brasileiro. Entre elas devem ser destacadas:

7.7.1 – Criação das cadeiras de Paleografia e noções de Arquivologia nos Cursos de História.

7.7.2 – Estágio obrigatório dos estudantes de História em Arquivos para medir o aproveitamento naquelas cadeiras.

7.7.3 – Exigência de trabalho original (criativo) como complementação dos Cursos de História.

7.7.4 – Finalmente: Efetivação do “Projeto Capistrano de Abreu”, isto é, trabalho dos estudantes de História nos Arquivos Brasileiros, suge-

rido pelo Dr. Raul Lima e apresentado no Conselho Federal de Cultura pela escritora Raquel de Queiroz em junho de 1971.

Para concluir cabe-nos registrar nosso agradecimento à Associação dos Arquivistas Brasileiros pela oportunidade que oferece com este 1º Congresso Brasileiro de Arquivologia ao debate dos problemas comuns ao historiador e ao arquivólogo.

- (1) BRUXEL S.J., Arnaldo — *A Filmoteca Histórica do Instituto Anchietano de Pesquisas*, in “Pesquisas”, separata 1, 1957, p. 14. São Leopoldo.
- (2) TABLEAU, Frédéric Ancillon — *Utilidade da História*, Mensário do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro, ano II, nº 11, 1971, p. 11.
- (3) Estes fatos são públicos pois deles trataram: “O Estado de São Paulo” de 10 de janeiro de 1959 (Temistocles Linhares), a revista Anhembi, (Paulo Duarte) do nº 93 ao 133 e o repórter de “O Cruzeiro”, que fotografou a obra mutilada.
- (4) TABLEAU, Frédéric Ancillon — *Op. cit.*, p. 4.
- (5) *Idem, idem*, p. 13.
- (6) PERRUCCI, Gabriel — *Criação em História*, in “1º Encontro Brasileiro sobre Introdução ao Estudo da História”, Niterói, 1970, Universidade Federal Fluminense, p. 272.
- (7) *A Matraca dos Farroupilhas*, Secção de Livros Raros da Biblioteca Nacional, Código II, 416, 1, 1, (p 2, 1, 11) do nº 3 ao 13, faltando o 9 e o 11, abrange de 6/12/1831 a 6/3/1843.
- (8) XAVIER, Paulo — *Um cearense iniciador de nossas charqueadas*, in Caderno de Sábado do “Correio do Povo” (RS), nº 205, 11-12-1971, p. 6.
- (9) MACEDO, F. Riopardense de — *Windmills in Southern Brazil*, 2nd International Symposium of Molinology, Mars, 1969, p. 235 Stockholm, Suécia.
- (10) *Arquivo Nacional*, Cód. 67, vol. 4, p. 233/v, 234/v, 234/v, 236/v, 237, 239 e 251 — *Biblioteca Nacional*, Cód. 9.4.9, p. 118/v e p. 119. Cód. 9.4.9, verso da p. 12, nº XXVIII.

De HÉLIO SILVA

*Qual a orientação que daria para o ensino de história em nível universitário, em especial história contemporânea?*

R) A consulta do documento original.

De MARIA CECÍLIA RIBAS CARNEIRO

*O relator não julga útil e importante uma reformulação no ensino de História no Brasil, não só no nível superior, mas também no ensino*

*médio, entrosando-o melhor com a arquivologia, de modo a despertar a prática e o interesse pelos documentos brasileiros?*

R) Sim, o texto do trabalho já afirma esta necessidade.

De ANA MARIA CORRÊA

*Que grau de importância é atribuído ao arquivo de recortes de artigos de jornais para o estudo e a pesquisa da história? Qual seria a fidelidade destes documentos como fonte de informação?*

R) A validade de um recorte resulta da possibilidade de confrontar com outros recortes, no sentido de contornar a burla e a parcialidade de origem de cada um.

#### MOÇÕES, SUGESTÕES, CONGRATULAÇÕES E PERGUNTAS NÃO RESPONDIDAS

LYGIA DA FONSECA FERNANDES DA CUNHA

*1) Lembro ao ilustre professor que os estudos de iconografia e cartografia brasileiras têm recebido nestes últimos anos grande impulso. Entre todos devem ser citados os trabalhos publicados pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e Biblioteca Nacional. Também entre universitários têm sido promovidas aulas que ministramos no curso do Arquivo Nacional e Museu Imperial em convênio com universidades.*